

Universidade da Beira Interior



Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Ciências do Desporto

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário

A Motivação para a aula de Educação Física
Estudo realizado em alunos do 2º e 3º ciclo do ensino
básico do Concelho de Tomar

Pedro Miguel Mendes Pereira Nunes

Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre em Ensino
de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Professor Doutor Aldo Matos da Costa

Co-orientador: Professor Doutor Júlio Martins

Covilhã, junho de 2012

Relatório de Estágio realizado no âmbito da disciplina seminário no ano letivo 2011/2012 sob orientação dos Professores Doutores Júlio Martins e Aldo Costa

Dedico à minha esposa, Sónia, filhos Tiago e Beatriz pela sua eterna presença no meu coração. Também à memória da minha mãe e ao meu pai, pelo apoio incondicional e exemplo de vida.

Resumo

Entende-se por motivação intrínseca, o interesse do indivíduo pelos aspetos inerentes à atividade e por motivação extrínseca, a execução da tarefa visando recompensas externas a ela. O objetivo deste estudo foi verificar a existência de diferenças no tipo de motivação intrínseca e extrínseca, para as aulas de Educação Física, entre o sexo masculino e feminino e entre os alunos do 2º e 3º ciclo.

A população selecionada para este estudo é o conjunto dos 2119 alunos e alunas do segundo e terceiro ciclos do ensino básico do Concelho de Tomar (três escolas EB2/3 - Santa Iria, Gualdim Pais, Nuno Álvares Pereira e duas ES c/3.º Ciclo - Jácome Ratton e Santa Maria do Olival). A amostra para este estudo foi constituída por 606 alunos, distribuídos pelos diferentes ciclos de ensino e divididos entre sexos e anos de escolaridade. A recolha de dados foi realizada através do questionário referente à identificação de motivos intrínsecos e extrínsecos em aulas de Educação Física (Kobal, 1996), constituído por três questões com 32 afirmações no total, sendo 16 referentes a motivação intrínseca e 16 referentes a motivação extrínseca. A análise das informações foi realizada sob a forma de estatística descritiva e inferencial, tendo sido aplicado o Test-T para amostras independentes com um nível de significância de 5%. Para a análise dos resultados considera-se cada item do instrumento como variável dependente e o sexo e ciclo como variáveis independentes.

Os resultados indicam que apesar de ambos os sexos e ciclos demonstrarem motivação (maior motivação intrínseca que extrínseca) para a prática das aulas de educação física, existem diferenças significativas no tipo de motivação para vários itens, tanto ao nível do género como ao nível do ciclo de estudos. Perante as diferenças verificadas entre os sexos masculino e feminino, podemos afirmar que os alunos do sexo masculino estão mais motivados que as alunas do sexo feminino. Quanto às diferenças entre ciclos verificámos que os alunos de 2º ciclo apresentam-se mais motivados intrinsecamente do que os colegas do 3º ciclo, contudo estes últimos apresentam maior motivação extrínseca.

Os nossos resultados permitem-nos sugerir que existem diferenças entre géneros e entre ciclos de estudo no tipo de motivação intrínseca e extrínseca, para as aulas de Educação Física. Com efeito, a organização e planeamento desta disciplina deverá atender às especificidades na motivação dos diferentes alunos.

Abstract

Intrinsic motivation refers to a person's motivation that is driven by an interest in the task itself and extrinsic motivation refers to the performance of a task in order to get an external outcome. The main goal of this survey was to check out if there are any differences in the intrinsic and extrinsic types of motivation in the Physical Education classes, between males and females and among the students of the 5th/ 6th grades and 7th/8th/ 9th grades.

To carry out this survey, 2119 students were chosen among all the schools of the city of Tomar. These schools are divided into two types: 5th and 6th grades; 7th, 8th, 9th grades (three schools in the city: Santa Iria School, Gualdim Pais School and Nuno Álvares Pereira school) and two Secondary schools (10th, 11th and 12th grades but also with 7th, 8th and 9th grades: Jácome Ratton School and Santa Maria do Olival School).

To carry out this survey 606 students were randomly chosen among their different levels at school (if they are in the 5th, 6th grades; 7th, 8th, 9th grades and Secondary students), their gender and the school year they attended.

The relevant data was accomplished by filling out a questionnaire referring to the identification of intrinsic and extrinsic motives in the Physical Education classes (Kobal, 1996). The questionnaire had three major questions with 32 statements: 16 statements were related to intrinsic motivation and the other 16 statements to extrinsic motivation. The examination of the information from the questionnaire was done through descriptive and inferential statistic and "Test-T" was also done for independent samples with a significant level of 5%. To analyze the data each item of the instrument was considered as a dependent variable and the gender and level of schooling were considered as independent variables.

The results show that although both males and females and level of schooling demonstrate motivation (higher intrinsic motivation rather than extrinsic) in the Physical Education classes, there are more significant differences in the type of motivation for several items considering gender and school levels. Facing the checked differences between males and females, we can assume that the male students are more motivated than the female students. When checking the differences between the different school levels, we can conclude that the students from the 5th and 6th grades are more intrinsic motivated than the students from the 7th, 8th and 9th grades but these last students show more extrinsic motivation than the ones from the 5th and 6th grades.

Our results allow us to suggest that there are differences between gender and levels of schooling concerning the type of motivation either intrinsic or extrinsic for the Physical Education lessons. In fact, the organization and planning of the Physical Education subject should consider the specific nature in the motivation of the students from different school levels.

Agradecimentos

- A minha esposa Sónia pelo acompanhamento, disponibilidade e ajuda ao longo da elaboração deste Relatório de Estágio.
- Ao meu pai pelo apoio e incentivo dado desde o dia em que decidi prolongar os estudos.
- Ao meu tio João Marreiros, pois sem ele não seria agora professor e pela disponibilidade que me ofereceu para retirar dúvidas ao longo da elaboração deste Relatório de Estágio.
- Aos meus orientadores, Professor Doutor Aldo Costa e Professor Doutor Júlio Martins, pela grande capacidade e constante disponibilidade em orientar-me.
- Aos alunos, professores e diretores das escolas participantes neste estudo.
- Ao meu irmão Rui Nunes e ao colega de curso Vítor Murgano, por todos os bons momentos que passámos desde o dia que decidimos iniciar esta aventura.
- À minha amiga Flávia, pela disponibilidade e apoio ao longo deste processo.
- À minha tia Natália pelo apoio dado no processo de tradução do resumo deste Relatório de Estágio, sem esta ajuda não teria sido possível a elaboração do mesmo.

Índice.

1. Introdução	1
1.1. Tipo de motivação e o género	4
1.2. Tipo de Motivação e o ciclo	6
1.3. Teoria da Autodeterminação de Decy e Ryan (1985)	7
2. Objetivos.....	9
3.Hipóteses em estudo.....	9
4. Material e métodos.....	10
4.1.População Alvo e Amostra	10
5. Metodologia.....	12
5.1. Itens referentes à motivação intrínseca	12
5.2- Itens referentes à motivação extrínseca.....	13
6. Análise Estatística	14
6.1. Estatística Descritiva	14
6.2. Teste t de Student	14
6.3. Alpha de Cronbach.....	15
7.Apresentação de Resultados.....	16
7.1.Alpha de Cronbach.....	16
7.2 Caracterização da motivação em ambos os sexos.....	16
7.3. Comparação entre os sexos relativamente ao tipo de motivação Intrínseca e extrínseca.....	16
7.4. Caracterização da motivação nos alunos de segundo e terceiro ciclo.....	19
7.5. Comparação entre os ciclos de estudo relativamente ao tipo de motivação Intrínseca e extrínseca.....	19
8. Discussão de resultados	23
8.1. Análise comparativa por sexo.....	23
8.2. Análise comparativa por ciclo	25
8.3. Aplicações Práticas	28
8.4.Limitações do estudo.....	29
9.Conclusão	30
10.Bibliografia.....	31

11. Anexos	34
11.1. Anexo 1- Autorização para aplicação do questionário	34
11.2. Anexo 2- Questionário utilizado no estudo.....	35

Lista de Tabelas

Tabela 1. Amostra segundo anos de escolaridade e escolas.	10
Tabela 2. Amostra segundo sexos e ciclos.....	11
Tabela 3. Valor médio da motivação e desmotivação intrínseca e extrínseca do sexo masculino e feminino	16
Tabela 4. Resultados da comparação entre sexos referentes à Motivação Intrínseca.....	17
Tabela 5. Resultados da comparação entre sexos, referentes à Motivação Extrínseca	18
Tabela 6. Valor médio da motivação e desmotivação intrínseca e extrínseca dos alunos do segundo e do terceiro ciclo	19
Tabela 7. Resultados da comparação da motivação intrínseca entre os alunos do segundo e terceiro ciclo do ensino básico	20
Tabela 8. Resultados da comparação da motivação extrínseca entre os alunos do segundo e terceiro ciclo do ensino básico	22

Lista de Figuras

Figura1. Teoria da Autodeterminação	8
---	---

1. Introdução

A motivação, é o que nos leva a fazer algo com prazer. Citando alguns autores, podemos definir motivação, cujo termo deriva do verbo latim “movere”, como “o que leva uma pessoa a fazer algo, mantendo-a na ação e ajudando-a a completar tarefas”. (Pintrich e Schunk, 2002). Na proposta de Atkinson et al (2002), “a motivação dirige o comportamento para um determinado incentivo que produz prazer ou alivia um estado desagradável”. No mesmo sentido, Littman (cit. por Castuera, 2004), define que a motivação se refere ao processo ou condição, fisiológico ou psicológico, inato ou adquirido, interno ou externo ao organismo, que determina como se inicia a conduta, se mantém, se direciona, se seleciona ou finaliza.

Este é, pois, um tema bastante complexo que tem suscitado desde sempre interesse, tanto no campo da psicologia em geral, como também em todos aqueles que estudam o comportamento humano. Este interesse deve-se, no domínio educacional, ao facto da motivação ser um elemento fundamental na influência dos resultados da aprendizagem dos alunos, pois uma das grandes capacidades da motivação é aumentar a atenção e a concentração, permitindo ao aluno melhorar as suas aprendizagens. Bock (1999, p.121) afirma que, “motivado, o indivíduo tem vontade de fazer alguma coisa e torna-se capaz de manter o esforço necessário durante o tempo necessário para atingir o objetivo”. Ao longo do tempo, o ensino tem-se preocupado em criar condições para que o aluno fique com vontade de aprender e, nesta sequência, a motivação deve ser considerada pelos professores de forma cuidadosa, procurando ir ao encontro das capacidades e potencialidades dos alunos. Assim, o professor deve identificar e aproveitar o que atrai a criança, o que ela gosta, bem como o modo de privilegiar os seus interesses. Motivar passa a ser, também, a capacidade de atrair, prender a atenção e seduzir o aluno, utilizando o que a criança gosta de realizar como forma de motivação pelo ensino.

Na educação física, a motivação também é essencial para os alunos realizarem corretamente e com interesse as atividades propostas. Gouveia (2007, p.32) afirma que, “sem a presença da motivação, os alunos em aulas de Educação Física não exercerão as atividades ou então, farão mal o que for proposto. A motivação em questão é a responsável”. Considerando a forte relação entre estes dois fatores, devemos, como professores, tentar que os alunos estejam motivados para as nossas aulas, de forma a conseguir um melhor aproveitamento na nossa disciplina. Segundo Bock (1999, p. 120), “a motivação é um processo que se dá no interior do sujeito, estando, entretanto, intimamente ligado às relações de troca que o mesmo estabelece com o meio, principalmente, seus professores e colegas.”

Nas situações escolares, o interesse é indispensável para que o aluno tenha motivos de ação, no sentido de se apropriar do conhecimento. Podemos então afirmar que o professor deve tentar perceber o que motiva o aluno e o que o desmotiva, procurando conseguir manter o maior número de alunos motivados para as atividades da sua aula, permitindo-lhes assimilar as aprendizagens com sucesso. Assim, a atuação do professor de Educação Física deve ser

orientada de forma a ir ao encontro dos interesses dos alunos e para tal acontecer, é imprescindível que haja um conhecimento dos motivos que levam os alunos a praticar uma atividade motora. O conhecimento dos interesses dos alunos facilita a escolha das atividades, o ritmo da aula, as relações e permite criar uma prática alegre e saudável, fazendo com que os alunos tenham prazer na atividade que estão a realizar.

Mas, entretanto, surgem-nos algumas questões pertinentes. Por que razão uns alunos estão motivados e outros não? Que tipos de motivação terão? Uma pessoa pode empenhar-se na execução de uma determinada atividade por diversos motivos. Neste sentido, importa analisar de que forma os indivíduos podem estar motivados para as atividades.

Não existe uma teoria única, que explique a motivação para a aprendizagem. São vários os autores, os estudos e as teorias que abordam esta questão mas, em diversas teorias se distingue a motivação intrínseca da extrínseca. O aluno intrinsecamente motivado executa a tarefa só pelo prazer de a realizar, porque tem interesse por ela e lhe traz satisfação. O aluno extrinsecamente motivado realiza-a por fatores externos, como o receio de punições, o desejo por reconhecimento ou recompensas, ou ainda por a considerar necessária, apesar de não ser do seu agrado. Marzinek e Neto (2007) concordam com esta ideia e aplicam-na na prática da atividade física. De acordo com os mesmos, “a motivação extrínseca compreende fatores externos que levam os jovens à prática da atividade física, como por exemplo, influência de colegas, dos pais e do professor”. Um indivíduo que realiza uma determinada tarefa procurando uma recompensa exterior à mesma, ou seja, esperando ganhar algo que está fora da realização da própria atividade, diz-se um indivíduo extrinsecamente motivado. Dando um exemplo prático, numa aula de Voleibol, o aluno pode participar da mesma, não pelo prazer de participar, mas sim pelo fato de sobressair-se em relação aos outros ou ganhar um prémio. No entanto, quando se empregam recursos extrínsecos como recompensas, procura-se sempre obter a motivação intrínseca, já que “aprendizagem baseada apenas em motivação extrínseca tende a deteriorar-se, logo que seja satisfeita a necessidade ou alvo extrínseco. Na motivação intrínseca, ela tende-se a manter constante” (Witter e Lomónaco, 1984, p.45).

De acordo com o exposto, podemos afirmar que o professor deve procurar que o aluno esteja motivado intrinsecamente, pois um ensino baseado na motivação extrínseca (recompensa) faz com que esta tenda a desaparecer logo que o “prémio” seja atribuído ao aluno. A motivação intrínseca, por seu lado, “inclui fatores internos, como o prazer, satisfação, força de vontade em realizar as aulas de Educação Física.” Marzinek e Neto (2007). Esta não resulta de treino ou instrução, mas sim a partir da influência das ações do professor que podem ser decisivas. Embora todo o passado do aluno, crenças, hábitos, respeito, expectativas e conhecimentos não deixem de ser importantes, o modo como a aprendizagem é feita, torna-se fundamental na influência para o nível de envolvimento do aluno.

Esta ideia remete-nos para a Teoria da Atribuição da Causalidade, iniciada por Heider (1970), que considera que a pessoa procura sempre compreender aquilo que lhe acontece. Assim, faz uma distinção entre “causas que podem ser devidas à pessoa, como por exemplo, os fatores de personalidade, a motivação para concretizar uma tarefa, o esforço gasto numa atividade, e aquelas que podem ser atribuídas à situação, designadamente o impacto das normas e das expectativas sociais” (Martini e Boruchovitch, 2004, cit. Por Lourenço e Paiva, 2010). Estes autores referem a importância desta teoria sobre este assunto, no sentido de que nos permite perceber “quais as causas que os alunos atribuem para o êxito e fracasso em diferentes atividades escolares e os seus efeitos na motivação para a aprendizagem, para as emoções e para o seu desempenho académico” (idem, ibidem).

Como professores será então importante conseguir conciliar o desenvolvimento da motivação intrínseca da criança com o apoio de alguns fatores externos (motivação extrínseca). Ou seja, conseguir fazê-los compreender os seus próprios progressos e a forma como os conseguem obter, através do recurso a avaliações positivas, elogios e informações a respeito dos sucessos. Segundo Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 37) “a motivação intrínseca refere-se à escolha e realização de determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, atraente ou, de alguma forma, geradora de satisfação”. Mas esta motivação poderá conseguir-se com o recurso a fatores externos que possam ter influência no desempenho dos alunos a curto prazo.

Por outro lado, para além de compreender os dois principais tipos de motivação que existem (Intrínseca e Extrínseca), é importante perceber quais os fatores que provocam desmotivação em alguns alunos nas aulas de educação física. Segundo Eric Jansen (2004), os alunos que vão à escola todos os dias demonstram alguma motivação, pois foram às aulas. Os que estão verdadeiramente desmotivados ficaram em casa, ou não foram à escola, por isso afirma que existem poucos alunos realmente desmotivados. Os alunos que vê, apesar de demonstrarem que a escola é o último sítio onde queriam estar, efetivamente estão na escola. No entanto, é importante perceber por que razões, estes (poucos alunos) estão temporariamente desmotivados. Jansen indica três razões:

- A primeira relaciona-se com o passado do aluno e com as associações que o aluno faz, que provoca um estado negativo e apático. Por exemplo, um professor anterior que o aluno não gostava, a voz de um professor, ou até insucessos do passado;
- A segunda razão é mais atual e ambiental. Por exemplo, más condições materiais, preconceito, má alimentação, medo de errar, competências inadequadas, maus estilos de ensino entre outras possibilidades de provocar um estado temporário de desmotivação;

- Um terceiro fator interveniente para a desmotivação do aluno, são as expectativas ou a falta delas em relação ao futuro, bem como a falta de objetivos claros e bem definidos.

Estados temporários de desmotivação são como que uma fotografia instantânea do corpo/mente num dado momento. Podemos estar num determinado momento, felizes, apáticos, desiludidos, motivados ou desmotivados. Todos os dias passamos por centenas de estados, consoante o ambiente que nos rodeia, o que comemos, as boas e más notícias, os sucessos e insucessos. Na sala de aula, o professor deve tentar compreender a importância dos estados, de forma a planear e implementar estratégias atrativas e motivadoras, combatendo os estados de apatia e desmotivação que por vezes atingem os seus alunos.

1.1. Tipo de motivação e o género

As diferenças entre géneros começam logo no meio intrauterino, ou seja, na formação do indivíduo. É a partir daqui que as determinações genéticas e hormonais, através da ligação de determinados cromossomas sexuais, vão formar um feto, que se vai transformar numa mulher ou num homem. Segundo Loureiro (cit. por Rocha, 2009, p.21), “estas predeterminações fisiológicas terão muita importância no indivíduo, pois a sua “bagagem” genética origina a formação de seres com características únicas.” Estas diferenças genéticas entre os sexos formam seres com características diferentes ao nível físico, mental, social, comportamental e principalmente emocional. Lorenzi-Cioldi (cit. por Poeschl et al., 2003, p. 215) confirma o que afirmámos, dizendo que “a mulher é sensível, compreensiva, flexível, preocupa-se com as necessidades afetivas da família, mostra as suas emoções e valoriza os outros pelas suas qualidades pessoais, já o homem focaliza-se na realização de objetivos, inibe as suas emoções, age em função do seu interesse pessoal e estabelece relações úteis para alcançar as suas metas”. Também ao nível físico existem diferenças, os rapazes por norma têm mais força e as raparigas mais flexibilidade. Num estudo realizado por Ulbrich et al (2007), acerca da aptidão física em crianças e adolescentes de diferentes estágios maturacionais, foram encontradas diferenças significativas, para ambos os sexos, nas seguintes variáveis: força de prensão manual, força explosiva, resistência muscular localizada, velocidade de 50 metros e VO2 máximo absoluto.

Na educação, tal como na sociedade, as diferenças entre sexos também existem nas mais diversas vertentes. Louro et al (1997) afirma que “cabe à escola desempenhar um papel importante na construção das identidades de género e das identidades sexuais, pois, como parte de uma sociedade que discrimina, ela produz e reproduz desigualdades de género, raça e etnia”. Um dos papéis do professor será minimizar essas diferenças criando e estimulando um ambiente educativo, para que a escola seja um espaço de prazer e aprendizagem, promovendo assim o sucesso escolar. No entanto, na Educação Física também existem diferenças, pois o sexo masculino procura sobressair em termos competitivos em relação aos

demais e o sexo feminino centra a sua atividade na tarefa e nas relações pessoais. Em diversos estudos citados por Rocha (2009, p.22), os resultados revelaram que o sexo masculino possuía um maior clima-ego, estava mais orientado ao ego e se percebia mais competente do que o sexo feminino, no qual pontuava mais alto na satisfação da necessidade de relacionar-se com os demais. No mesmo sentido, Peiró e Gimeno (2004), afirmam que “as meninas teriam mais motivos sociais para praticar desporto do que os meninos, e estes estavam mais excitados por motivos extrínsecos ou instrumentais como a competição e o exibicionismo” (cit. Por Rocha, 2004, p.22) Da mesma forma, Weinberg e Gould (2001) referem que homens e mulheres praticam atividades físicas por diferentes motivos, enquanto o sexo masculino se motiva na mesma pela competição e reconhecimento social, o feminino tem motivos mais abrangentes como saúde, bem-estar, estética e condicionamento, domínio de técnicas, prazer nas atividades, contacto social, identificação com o professor ou treinador. Também Sabath (1992, cit. por Rocha, 2009, p.31) numa pesquisa sobre os motivos para praticar um desporto a 218 estudantes do sexo feminino, verificou que, para elas, “o prazer intrínseco, a saúde e a boa forma física eram os motivos principais para desenvolver o desporto de forma constante”, reforçando a ideia de que o sexo feminino tem objetivos mais amplos que o sexo masculino. Contudo, também encontramos estudos em que ambos os sexos procuram os mesmos objetivos quando praticam uma atividade física, Gabler (1991, cit. por Rocha, 2009, p.32) investigou 154 nadadores de alto nível, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 12 e os 26 anos. Os resultados encontrados evidenciam que “o prazer intrínseco da natação, a concorrência, a necessidade de contacto social, a necessidade de demonstrar habilidade e saúde, foram o principal motivo que os guiava à prática da natação, em ambos os géneros”.

No ensino também se realizaram diversos trabalhos de investigação e com resultados também diferentes. Num estudo realizado no Brasil, por Marzinek e Neto (2007), em que se compara o tipo de motivação de 279 alunos do sexo feminino e masculino do ensino fundamental (entre os seis e os catorze anos) e médio (entre 15 e 18 anos de idade), os autores afirmam que “ambos os sexos sentem maior motivação intrínseca para a prática da Educação Física do que extrínseca”. No ensino fundamental, relativamente à motivação intrínseca não existiram diferenças significativas entre sexos em nenhum dos dezasseis itens analisados, mas, quanto à motivação extrínseca, existiram diferenças em três itens “sinto-me integrado no grupo”, “as minhas opiniões são aceites” e “alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros”. No ensino médio, e quanto à motivação intrínseca, o sexo masculino revelou-se mais motivado que o feminino pois existiram diferenças em sete itens, “gosto de atividades físicas”, “as aulas dão-me prazer”, “dedico-me ao máximo à atividade”, “compreendo os benefícios das atividades propostas em aula”, “as atividades dão-me prazer”, “o que eu aprendo faz-me querer praticar mais”, “movimento o meu corpo”, revelando que existe uma maior diferença entre sexos neste nível de ensino. No mesmo sentido, na motivação extrínseca foram verificadas alterações em cinco itens “estou com os meus amigos”,

“esqueço-me das outras aulas”, “sinto-me integrado no grupo”, “alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros” e “as minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor”. Os autores deste do estudo pensam que estas alterações se poderão dever às intenções e objetivos que cada um tem ao encerrar os estudos no ensino médio. Ainda sobre as diferenças entre géneros, Rangel (1997) aborda “...as divergências motivacionais entre ambos os sexos, onde se supõe que os alunos do sexo masculino consideram as aulas de educação física mais motivantes, pois valorizam a realização e o status, e que as meninas valorizam as brincadeiras e as amizades”. Rangel levanta ainda outra questão, ao afirmar a possibilidade de que as aulas de Educação Física possam estar a ser direcionadas para satisfazer os desejos dos alunos do sexo masculino, ao contrário do que acontece com as alunas do sexo feminino, que não veem os seus desejos e expectativas atendidos, diminuindo assim a sua motivação comparativamente ao sexo oposto.

1.2. Tipo de Motivação e o ciclo

No que diz respeito a diferenças motivacionais na idade, é comum, nos anos de escolaridade inferiores, os alunos apresentarem uma pré disposição/motivação muito maior para o exercício físico, demonstrando interesse e alegria por todo o tipo de atividades físicas propostas. Pelo contrário, em anos superiores, a vontade e interesse são muito diminutas. Segundo Burochovitch e Bzuneck (2004), com o avançar da idade os problemas tendem a ser mais complexos e profundos, por terem raízes naqueles que se originaram em idades mais baixas e por sofrerem influência das novas exigências dos diferentes tipos de disciplinas, aliadas às características evolutivas do aluno.

López e González (2002, cit. por Teixeira e Folle, 2009), em estudo realizado com alunos cubanos, confirmaram uma clara diminuição da satisfação individual pelas aulas de Educação Física, à medida que as idades dos alunos aumentavam. Os autores verificaram que “63% dos alunos cubanos, na faixa etária de 11 a 12 anos, apresentaram-se satisfeitos, em oposição à faixa etária de 13 a 14 anos e de 15 a 18 anos, em que apenas 44% e 43% dos alunos, respetivamente, se encontram satisfeitos em participar das aulas de Educação Física”. Por outro lado Pozzobon et al (2006, cit. por Teixeira e Folle, 2009), num estudo efetuado em alunos com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos, verificaram que, em todas as idades, os alunos demonstraram satisfação pelas aulas de Educação Física, sendo mesmo o grupo de alunos mais velhos, com idades entre os 13 e os 16 anos que apresentaram o maior satisfação grupal. Se por um lado, alguns estudos afirmam que, quanto maior a idade menor é a motivação, por outro lado também existem outros com resultados contrários.

1.3. Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan (1985)

A Teoria da Autodeterminação surgiu com o objetivo de compreender os componentes da motivação intrínseca e extrínseca e os fatores relacionados com a sua promoção. Nesta teoria, são abordadas a personalidade e a motivação humana, e há uma concentração nas tendências evolutivas, nas necessidades psicológicas inatas e nas condições contextuais favoráveis à motivação, ao funcionamento social e ao bem-estar pessoal.

Analisando o tema da motivação em contexto escolar, o nosso estudo não podia deixar de abordar, ainda que sucintamente, a teoria que estes autores desenvolveram acerca da autodeterminação. Esta teoria baseia-se na ideia de que o comportamento humano é incentivado por três necessidades psicológicas primárias e universais: autonomia, capacidade e relação social, que parecem ser essenciais para facilitar as tendências naturais para o crescimento e a integração, assim como também para o desenvolvimento social e o bem-estar pessoal (Deci e Ryan, 2000).

Moreno e González-Cutre (2006) explicam estas três necessidades, afirmando que a necessidade de autonomia (ou autodeterminação) se traduz no esforço pessoal para se ser o agente e ter voz ou a força para determinar seu próprio comportamento; a necessidade de ser capaz, está baseada em tentar controlar o resultado e experimentá-lo efetivamente e a necessidade de relação social faz referência ao esforço para se relacionar e se preocupar com o outro, assim como ao facto de sentir que o outro tem uma relação autêntica com ele, experimentando a satisfação com o mundo social. É fundamental, para a autorrealização, que estas necessidades sejam satisfeitas.

De acordo com esta teoria “ as pessoas são organismos ativos que possuem tendência para evoluir, crescer e dominar os desafios do ambiente de maneira a integrar e dar sentido às novas experiências”. No entanto, esta tendência para evoluir não acontece de forma automática, as experiências e desafios têm de ser orientadas e socialmente alimentadas e consolidadas. Esta teoria baseia-se em 5 subteorias:

- Avaliação Cognitiva, que explica como fatores externos, recompensas ou feedbacks podem influenciar positiva ou negativamente a motivação intrínseca dos estudantes. A perceção de competência e autonomia tem uma relação direta com a motivação intrínseca, ou seja quanto maior for esta perceção maior será a motivação intrínseca e vice-versa.
- Integração Orgânica, que refere que a motivação extrínseca pode ser interiorizada pelo indivíduo e integrada nos comportamentos que satisfazem as suas necessidades básicas.
- Orientação Causal, que afirma que de acordo com as dificuldades, as orientações para o comportamento que se pretende motivar, também devem ser diferentes.
- Necessidades Básicas, que diz que as três necessidades psicológicas básicas, autonomia, competência e pertença, são a base para a tendência natural dos

indivíduos de encontrar novos desafios, aumentar as capacidades, explorar e aprender.

- Orientação das metas, que se baseia na ideia de que os objetivos pessoais para a tarefa são essenciais para haver maior ou menor motivação.

O conjunto destas cinco subteorias articuladas resulta num continuum motivacional (Figura 1) que procura explicar como os alunos regulam intrinsecamente o seu comportamento.

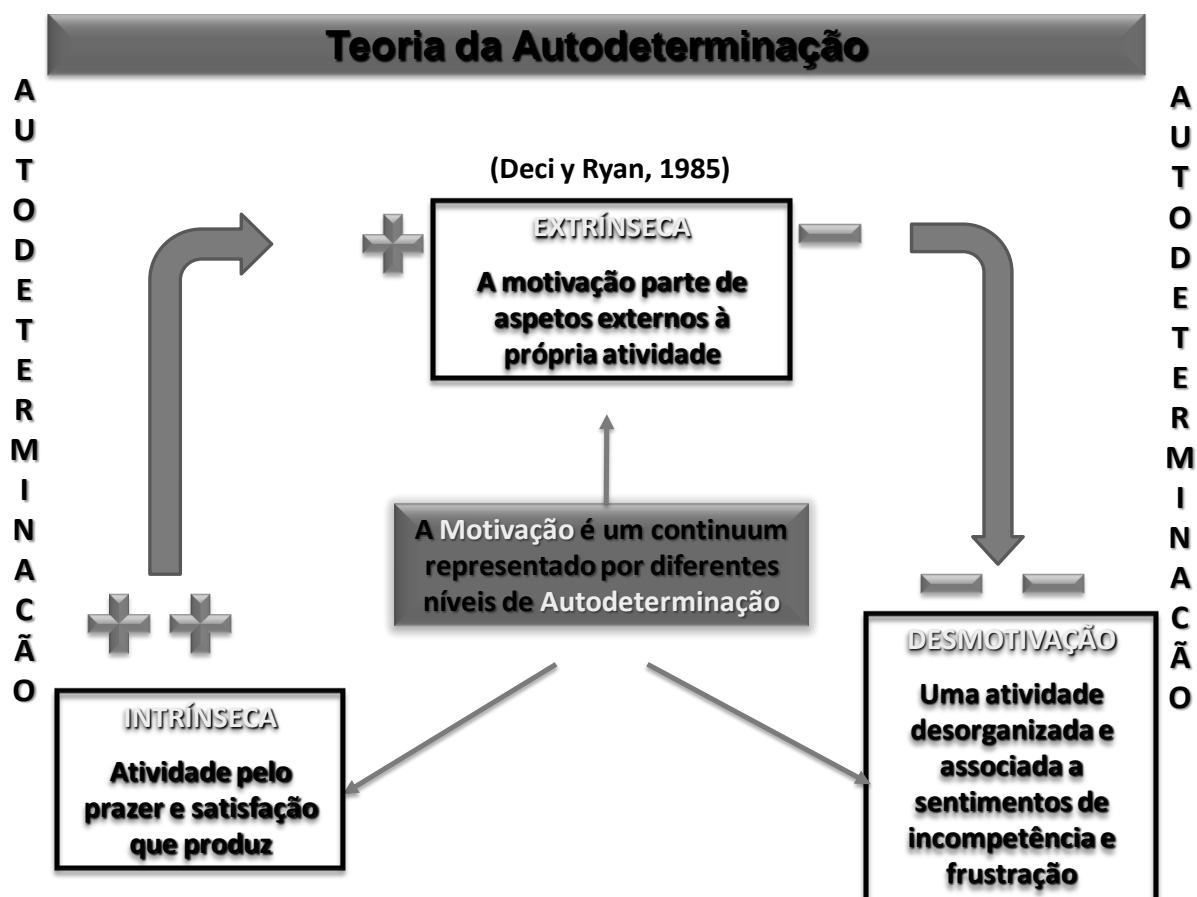


Figura 1. Teoria da autodeterminação - Deci & Ryan, 1985 (adaptado por Marreiros, J., 2011).

2. Objetivos

É Objetivo geral deste estudo investigar a existência de diferenças no tipo de motivação intrínseca e extrínseca, para as aulas de Educação Física, entre o sexo masculino e feminino e entre os alunos do 2º e 3º ciclo.

Como objetivos específicos, enumeramos:

- Identificar o tipo de motivação dos alunos do sexo masculino;
- Identificar o tipo de motivação das alunas do sexo feminino;
- Identificar o tipo de motivação dos alunos do segundo ciclo do ensino básico;
- Identificar o tipo de motivação dos alunos do terceiro ciclo do ensino básico;
- Verificar as diferenças no tipo de motivação entre os alunos do sexo masculino e feminino;
- Verificar as diferenças no tipo de motivação entre os alunos do segundo ciclo e do terceiro ciclo do ensino básico.

3. Hipóteses em estudo

H01- Não existem diferenças significativas no tipo de motivação entre os alunos do sexo masculino e as alunas do sexo feminino;

H02- Não existem diferenças significativas no tipo de motivação entre os alunos do 2º ciclo do ensino básico e os alunos do 3º ciclo do ensino básico;

Hipótese 1- Existem diferenças significativas no tipo de motivação entre os alunos do sexo masculino e as alunas do sexo feminino;

Hipótese 2- Existem diferenças significativas no tipo de motivação entre os alunos do segundo ciclo e os alunos do terceiro ciclo do ensino básico.

4. Material e métodos

4.1. População Alvo e Amostra

A população selecionada para este estudo foi o conjunto dos 2119 alunos e alunas dos segundo e terceiro ciclos do ensino básico do Concelho de Tomar (três escolas EB2/3 - Santa Iria, Gualdim Pais, Nuno Álvares Pereira e duas ES c/3.º Ciclo - Jácome Ratton e Santa Maria do Olival).

De acordo com o estudo de representatividade efetuado com um grau de erro inferior a 5%, a amostra utilizada foi de 606 alunos (303 do sexo masculino e 303 do sexo feminino), cerca de 28,59% da população alvo, pertencente aos diferentes ciclos e anos de escolaridade. No 2º ciclo, foram 138 alunos por ano de escolaridade, num total de 276 alunos, 69 de cada sexo (selecionados aleatoriamente 23 alunos e 23 alunas por escola, por ano de escolaridade), num total de 46 alunos por escola. No 3º ciclo, foram um total de 330 alunos (165 de cada sexo), 55 de cada sexo e ano (selecionados aleatoriamente 11 alunos e 11 alunas por escola, por ano de escolaridade), num total de 110 alunos por anos de escolaridade.

Quanto aos anos de escolaridade, 23% dos alunos são do 5.º ano, também 23% são do 6.º ano. O 7.º; 8.º e 9.º anos têm 18% dos alunos cada. No que se refere aos ciclos de ensino, 46% dos alunos são do 2.º ciclo e 54% são do 3.º ciclo. Quanto aos sexos, 50 % dos alunos são do sexo masculino e 50% são do sexo feminino. Portanto foi uma amostra do tipo aleatória estratificada.

Na tabela 1, apresenta-se a distribuição de alunos da amostra segundo os anos de escolaridade e escolas.

Tabela 1. Amostra segundo anos de escolaridade e escolas.

Escola	5º ano		6º ano		7º ano		8º ano		9º ano		Totais
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
Santa Iria	23	23	23	23	11	11	11	11	11	11	158
Gualdim	23	23	23	23	11	11	11	11	11	11	158
Nuno Álvares	23	23	23	23	11	11	11	11	11	11	158
Jácome	0	0	0	0	11	11	11	11	11	11	66
Santa Maria	0	0	0	0	11	11	11	11	11	11	66
	69	69	69	69	55	55	55	55	55	55	606
	Total 5º ano		Total 6º ano		Total 7º ano		Total 8º ano		Total 9º ano		
	138		138		110		110		110		606

Na tabela 2, apresenta-se a distribuição de alunos da amostra segundo sexos e ciclos.

Tabela 2. Amostra segundo sexos e ciclos.

Ciclos	Masculinos	Femininos	Total
2°	138	138	276
3°	165	165	330
Totais	303	303	606

5. Metodologia

O instrumento de recolha de dados utilizado foi o elaborado por Kobal (1996). É um questionário que faz a identificação dos motivos intrínsecos e extrínsecos em aulas de Educação Física, constituído por três questões, com 32 afirmações no total, sendo 16 referentes a motivação intrínseca e 16 referentes a motivação extrínseca. Cada afirmação é respondida através de uma escala LIKERT de alternativas: 1="Concordo totalmente"; 2="Concordo"; 3="Estou em dúvida"; 4="Discordo"; 5="Discordo Totalmente". Este questionário, a sua aplicação e metodologia, obteve aprovação através do sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar, ao abrigo do Despacho N.º15847/2007 publicado no DR 2ª série n.º 140 de 23 de Julho (em anexo).

5.1. Itens referentes à motivação intrínseca

O questionário aplicado abordou os seguintes itens, referentes à motivação e desmotivação intrínseca.

Participo nas aulas de Educação Física porque:

- Gosto de atividades físicas
- Gosto das aulas
- Gosto de aprender novas habilidades
- Acho importante aumentar os meus conhecimentos sobre desportos e outros conteúdos
- Sinto-me saudável com as aulas

Eu gosto das aulas de Educação Física quando:

- Aprendo uma nova habilidade
- Me dedico ao máximo à atividade
- Compreendo os benefícios das atividades propostas na aula
- As atividades me dão prazer
- O que eu aprendo me faz querer praticar mais
- Exercito o meu corpo

Não gosto das aulas de Educação Física quando:

- Não consigo realizar bem as atividades
- Não sinto prazer na atividade proposta
- Quase não tenho oportunidade de jogar
- Exercito pouco o meu corpo
- Não há tempo para praticar tudo o que eu gostaria

5.2. Itens referentes à motivação extrínseca

O questionário aplicado abordou os seguintes itens, referentes à motivação e desmotivação extrínseca.

Participo nas aulas de Educação Física porque:

- Faz parte do currículo da escola
- Estou com os meus amigos
- O meu rendimento é melhor que o dos meus colegas
- Preciso tirar boas notas

Eu gosto das aulas de Educação Física quando:

- Me faz esquecer as outras aulas
- O professor e os meus colegas reconhecem a minha atuação
- Me sinto integrado no grupo
- As minhas opiniões são aceites
- Me saio melhor que os meus colegas

Não gosto das aulas de Educação Física quando:

- Não me sinto integrado no grupo
- Não simpatizo com o professor
- O professor compara o meu rendimento com o de outro
- Os meus colegas gozam com as minhas falhas
- Alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros
- Obtenho notas baixas
- As minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor

Os questionários foram entregues nas direções das escolas, com as respetivas indicações de aplicação. Em diálogo com os professores, foi-lhes pedido que entregassem aleatoriamente os questionários aos seus alunos e alunas na aula, procedendo à recolha no final do seu preenchimento.

6. Análise Estatística

6.1. Estatística Descritiva

Em termos de estatística descritiva apresentam-se, para as variáveis de caracterização, as tabelas de frequências e gráficos ilustrativos das distribuições de valores verificadas e, para as variáveis das várias escalas, também as tabelas de frequências e as estatísticas relevantes. As variáveis medidas em escala de Likert foram analisadas através das categorias apresentadas. Para as variáveis da escala de medida, os dados foram estudados pelos seguintes indicadores:

- Os valores médios obtidos para cada questão (para as questões numa escala de 1 a 5, um valor superior a 3 é superior à média da escala).
- Os valores do desvio padrão associados a cada questão, que representam a dispersão absoluta de respostas perante cada questão.
- O coeficiente de variação, que ilustra a dispersão relativa das respostas: quanto maior, maior é a dispersão de respostas.
- Os valores mínimos e máximos observados.
- Gráficos ilustrativos dos valores médios das respostas dadas às várias questões.

6.2. Teste t de Student

Os testes estatísticos servem para averiguar se as diferenças observadas na amostra são estatisticamente significantes, ou seja, se as conclusões da amostra se podem inferir para a população. O valor de 5% é um valor de referência habitualmente utilizado nas Ciências Sociais e Humanas para testar hipóteses; significa que estabelecemos a inferência com uma probabilidade de erro inferior a 5%.

Como se pretende analisar uma variável quantitativa nas duas classes de uma variável qualitativa nominal dicotómica. Para realizar o cruzamento entre as variáveis quantitativas e a variável qualitativa nominal dicotómica utilizámos o teste paramétrico *t de Student*, de forma a verificar a significância das diferenças, entre os valores médios, observadas para ambos os grupos da variável nominal dicotómica.

O teste t coloca as seguintes hipóteses:

- H_0 : Não existe diferença entre a média das variáveis quantitativas, para cada um dos grupos da variável dicotómica.
- H_1 : Existe diferença entre a média das variáveis quantitativas, para cada um dos grupos da variável dicotómica.

Quando o valor de prova do teste t é superior a 5%, aceita-se a hipótese nula, ou seja, não há diferenças entre os dois grupos. Quando o valor de prova é inferior a 5%, rejeita-se a hipótese nula, de a média ser igual para os dois grupos, ou seja, há diferenças entre os dois grupos.

Como as amostras são de grande dimensão, é sempre possível aplicar o teste paramétrico, não sendo necessário verificar o pressuposto da normalidade das distribuições das variáveis. Assim, para verificarmos o nível da Motivação, considera-se maior motivação, quanto menor

for a média obtida pois a concordância é maior. Quanto à Desmotivação, considera-se maior desmotivação quanto menor for a média obtida, pois a concordância é maior.

6.3. Alpha de Cronbach

Para este estudo foi realizado o teste do *Alpha de Cronbach*, pois esta é uma das medidas mais utilizadas para a verificação da consistência interna de um grupo de variáveis (fatores) e pode variar entre 0 e 1 (Hill, 2000; Pestana e Gageiro, 2005). Assim, a qualidade será *Muito Boa* se o valor for $>.90$, *Boa* de $.80$ a $.90$, *Razoável* de $.70$ a $.80$, *Fraca* de $.60$ a $.70$ e *Inadmissível* quando o valor é $<.60$. Este índice de fiabilidade mede a capacidade explicativa de uma determinada variável ou fator pelas perguntas que a compõem. Quando é $>.70$ é lícito afirmar que as variáveis em causa são bem explicadas pelas perguntas consideradas, dado que a probabilidade de erro é de apenas 30 por cento indicando uma fiabilidade aceitável do conjunto de itens analisados (Nunnally, 1978).

7. Apresentação de Resultados

7.1. Alpha de Cronbach

Para o nosso estudo o resultado do teste de Alpha de Cronbach foi de .84, portanto a consistência interna é considerada Boa.

7.2 Caracterização da motivação em ambos os sexos

Na tabela 3, apresentamos o valor médio da motivação e desmotivação intrínseca e extrínseca do sexo masculino e feminino. Ambos os sexos apresentam-se motivados (com concordância) para a aula de educação física e evidenciam maior motivação intrínseca que extrínseca. O sexo masculino apresenta maior motivação intrínseca e extrínseca que o sexo feminino. Quanto à desmotivação, o sexo masculino revela menor desmotivação que o sexo feminino, pois demonstra maior discordância.

Tabela 3. Valor médio e desvio padrão da motivação e desmotivação intrínseca e extrínseca do sexo masculino e feminino.

Motivação	Masculino		Feminino	
	Média	D. Padrão	Média	D. Padrão
Intrínseca	1,683	0,921	1,870	0,888
Extrínseca	2,259	1,192	2,443	1,157
Desmotivação	Média	D. Padrão	Média	D. Padrão
Intrínseca	3,217	0,085	2,910	0,082
Extrínseca	3,224	1,457	2,986	1,419

7.3. Comparação entre os sexos relativamente ao tipo de motivação intrínseca e extrínseca

Na tabela 4, apresentamos os resultados da comparação entre sexos referentes à Motivação Intrínseca. Tal como podemos observar, o sexo feminino apresentou maior concordância nos itens: “participo nas aulas de educação física porque aprendo novas habilidades e gosto das aulas de educação física quando exercito o meu corpo”. Já no sexo masculino, os índices mais elevados de motivação intrínseca foram: “Participo nas aulas porque gosto das atividades físicas e gosto de aprender novas habilidades”. Também afirmaram gostar da aula de educação física quando aprendem novas habilidades, pelo prazer que as atividades lhes dão e quando exercitam o seu corpo. Ao nível da desmotivação, ambos os sexos apresentam maior índice de concordância no item “não há tempo para praticar tudo o que gostaria”.

Verificamos que o valor médio dos itens de motivação intrínseca é sempre inferior (a concordância é superior) para o sexo masculino, ou seja os alunos do sexo masculino apresentam-se mais motivados que o sexo feminino, sendo as diferenças estatisticamente significativas nos oito itens assinalados. No que diz respeito à desmotivação, os alunos do sexo masculino apresentam-se menos desmotivados do que as alunas do sexo feminino, com diferenças significativas nos quatro itens assinalados.

Tabela 4. Resultados da comparação entre sexos referentes à Motivação Intrínseca

Motivação Intrínseca:		N	Média	D. padrão	Teste t	p
Participo nas aulas de Educação Física porque:						
Gosto de atividades físicas	Masculino	303	1,57	,907	-3,729	** 0,000
	Feminino	302	1,84	,875		
Gosto das aulas	Masculino	301	1,67	,903	-2,443	* 0,015
	Feminino	303	1,84	,811		
Gosto de aprender novas habilidades	Masculino	302	1,59	,913	-1,515	0,130
	Feminino	303	1,70	,821		
Acho importante aumentar os meus conhecimentos sobre desportos e outros conteúdos	Masculino	303	1,67	,947	-2,549	* 0,011
	Feminino	302	1,86	,896		
Sinto-me saudável com as aulas	Masculino	300	1,71	,971	-1,671	0,095
	Feminino	302	1,83	,904		
Gosto das aulas de Educação Física quando						
Aprendo uma nova habilidade	Masculino	303	1,65	,908	-3,869	** 0,000
	Feminino	303	1,93	,918		
Me dedico ao máximo à atividade	Masculino	303	1,76	,901	-1,911	0,056
	Feminino	303	1,90	,884		
Compreendo os benefícios das atividades propostas na aula	Masculino	302	1,79	,877	-2,612	** 0,009
	Feminino	301	1,98	,834		
As atividades me dão prazer	Masculino	302	1,69	,983	-2,981	** 0,003
	Feminino	301	1,92	,979		
O que eu aprendo me faz querer praticar mais	Masculino	303	1,77	,887	-2,282	* 0,023
	Feminino	302	1,94	,959		
Quando exercito o meu corpo	Masculino	303	1,65	,936	-2,240	* 0,025
	Feminino	300	1,82	,889		
Não gosto das aulas de Educação Física quando						
Não consigo realizar bem as actividades	Masculino	301	3,34	1,416	5,031	** 0,000
	Feminino	300	2,75	1,438		
Não sinto prazer na atividade proposta	Masculino	301	3,25	1,495	2,950	** 0,003
	Feminino	297	2,90	1,405		
Quase não tenho oportunidade de jogar	Masculino	300	3,31	1,548	2,121	* 0,034
	Feminino	299	3,05	1,488		
Exercito pouco o meu corpo	Masculino	301	3,49	1,457	2,097	* 0,036
	Feminino	299	3,25	1,314		
Não há tempo para praticar tudo o que gostaria	Masculino	301	2,70	1,469	,817	0,414
	Feminino	300	2,60	1,463		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Na tabela 5, apresentamos os resultados da comparação entre sexos, referentes à Motivação Extrínseca. Nesta tabela verificamos que ambos os sexos referem que participam nas aulas porque precisam de tirar boas notas e gostam das aulas quando se sentem integrados no grupo. Quanto à desmotivação, o sexo feminino afirma não gostar das aulas de educação física quando “alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros”. Por outro lado, ambos os sexos apresentam maior discordância no item “não gosto das aulas quando não simpatizo com o professor.”

O sexo masculino apresenta maior motivação que o feminino, em oito dos nove itens em análise, sendo que para três, as diferenças são muito significativas. A única exceção, é no item “Participo nas aulas de educação física porque “faz parte do currículo da escola”, onde elas se apresentam mais motivadas, mas em que as diferenças não são significativas. Quanto à desmotivação, o sexo masculino apresenta-se menos desmotivado do que o sexo feminino em todos os itens em análise, sendo que em quatro de sete itens as diferenças são muito significativas.

Tabela 5. Resultados da comparação entre sexos, referentes à Motivação Extrínseca

Motivação Extrínseca:		N	Média	D.padrão	Teste t	p
Participo nas aulas de Educação Física porque:						
Faz parte do currículo da escola	Masculino	302	2,12	1,326	1,286	0,199
	Feminino	301	1,98	1,201		
Estou com os meus amigos	Masculino	302	2,07	1,279	-1,399	0,162
	Feminino	302	2,22	1,281		
O meu rendimento é melhor do que o dos meus colegas	Masculino	301	3,05	1,271	-4,266	** 0,000
	Feminino	300	3,48	1,181		
Preciso tirar boas notas	Masculino	302	1,83	1,171	-1,466	0,143
	Feminino	301	1,96	1,099		
Eu gosto das aulas de Educação Física quando:						
Me faz esquecer as outras aulas	Masculino	301	2,24	1,338	-2,500	** 0,013
	Feminino	302	2,52	1,353		
O professor e os meus colegas reconhecem a minha atuação	Masculino	299	2,22	1,113	-1,437	0,151
	Feminino	302	2,35	1,109		
Me sinto integrado no grupo	Masculino	302	1,80	,934	-0,658	0,511
	Feminino	302	1,85	,920		
As minhas opiniões são aceites	Masculino	300	2,13	1,060	-1,723	0,085
	Feminino	298	2,28	1,047		
Me saio melhor que os meus colegas	Masculino	300	2,88	1,244	-4,727	** 0,000
	Feminino	300	3,36	1,226		
Não gosto das aulas de Educação Física quando:						
Não me sinto integrado no grupo	Masculino	299	3,22	1,529	2,630	** 0,009
	Feminino	303	2,89	1,483		
Não simpatizo com o professor	Masculino	301	3,58	1,509	,681	0,496
	Feminino	301	3,50	1,485		
O professor compara o meu rendimento com o de outro	Masculino	301	3,31	1,372	,978	0,329
	Feminino	300	3,20	1,359		
Os meus colegas gozam com as minhas falhas	Masculino	300	3,27	1,525	2,858	** 0,004
	Feminino	302	2,92	1,504		
Alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros	Masculino	299	2,75	1,411	2,785	** 0,006
	Feminino	303	2,44	1,321		
Obtenho notas baixas	Masculino	301	3,28	1,424	4,135	** 0,000
	Feminino	301	2,80	1,415		
As minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor	Masculino	302	3,16	1,431	,063	0,950
	Feminino	303	3,15	1,370		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

7.4. Caracterização da motivação nos alunos de segundo e terceiro ciclo

Na tabela 6, apresentamos o valor médio da motivação e desmotivação intrínseca e extrínseca dos alunos do segundo e do terceiro ciclo. Observamos que ambos os ciclos se apresentam motivados (com concordância) para a aula de educação física, evidenciando maior motivação intrínseca que extrínseca, pois as médias apresentadas situam-me abaixo de 2, ou seja entre concordo e concordo totalmente. O 2º ciclo apresenta maior motivação intrínseca do que o 3º ciclo. Por seu lado, o 3º ciclo apresenta maior motivação extrínseca do que o 2º ciclo. Quanto à desmotivação, o 2º ciclo revela menor desmotivação intrínseca e extrínseca que o 3º ciclo, pois demonstra maior discordância.

Tabela 6. Valor médio da motivação e desmotivação intrínseca e extrínseca dos alunos do segundo e do terceiro ciclo

Motivação	2º Ciclo		3º Ciclo	
	Média	D. Padrão	Média	D. Padrão
Intrínseca	1,628	0,818	1,901	0,961
Extrínseca	2,438	1,221	2,280	1,122
Desmotivação	Média	D. Padrão	Média	D. Padrão
Intrínseca	3,245	1,502	2,913	1,402
Extrínseca	3,242	1,452	2,990	1,425

7.5. Comparação entre os ciclos de estudo relativamente ao tipo de motivação intrínseca e extrínseca

Na tabela 7, apresentamos os resultados da comparação da motivação intrínseca entre os alunos do segundo e terceiro ciclo do ensino básico. Verificamos que ambos os ciclos apresentam índices elevados de concordância em todos os itens em análise. Ambos os ciclos revelaram o maior índice de motivação na questão: “participo nas aulas de educação física porque gosto de atividades físicas e de aprender novas habilidades”. Na questão seguinte, o 2º ciclo revela “maior gosto pelas aulas de educação física quando aprende novas habilidades, quando exercito o meu corpo” e quando “as atividades me dão prazer”. O 3º ciclo demonstrou gostar mais da aula de educação física quando exercita o seu corpo. No que se refere à desmotivação, ambos os ciclos apresentam maior desmotivação no item: “não há tempo para praticar tudo o que gostaria”.

Nesta tabela verificamos também que o valor médio dos itens de motivação intrínseca é sempre inferior para o 2.º ciclo (a concordância é superior), ou seja, os alunos do 2º ciclo apresentam-se mais motivados que os do 3º ciclo, sendo as diferenças estatisticamente significativas em dois itens e em nove dos onze itens muito significativas.

No que se refere à desmotivação, os valores são sempre superiores para o 2.º ciclo (a discordância é superior), ou seja, os alunos do 2º ciclo apresentam-se menos desmotivados que os do 3º ciclo. As diferenças observadas são estatisticamente significativas para os itens

assinalados (4 de 5), para os quais se verifica a hipótese. Apenas no último item “não há tempo para praticar tudo o que gostaria”, não se verificam diferenças significativas.

Tabela 7. Resultados da comparação da motivação intrínseca entre os alunos do segundo e terceiro ciclo do ensino básico

Motivação Intrínseca:		N	Média	D. padrão	Teste t	p
Participo nas aulas de Educação Física porque:						
Gosto de atividades físicas	2.º ciclo	275	1,58	,794	-3,114	** 0,002
	3.º ciclo	330	1,81	,969		
Gosto das aulas	2.º ciclo	275	1,61	,801	-3,943	** 0,000
	3.º ciclo	329	1,88	,891		
Gosto de aprender novas habilidades	2.º ciclo	275	1,46	,731	-4,853	** 0,000
	3.º ciclo	330	1,80	,943		
Acho importante aumentar os meus conhecimentos sobre desportos e outros conteúdos	2.º ciclo	275	1,59	,803	-4,513	** 0,000
	3.º ciclo	330	1,92	,992		
Sinto-me saudável com as aulas	2.º ciclo	275	1,67	,886	-2,445	* 0,015
	3.º ciclo	327	1,86	,976		
Gosto das aulas de Educação Física quando						
Aprendo uma nova habilidade	2.º ciclo	276	1,58	,821	-5,246	** 0,000
	3.º ciclo	330	1,97	,969		
Me dedico ao máximo à atividade	2.º ciclo	276	1,67	,761	-4,123	** 0,000
	3.º ciclo	330	1,96	,973		
Compreendo os benefícios das atividades propostas na aula	2.º ciclo	274	1,77	,796	-3,128	** 0,002
	3.º ciclo	329	1,98	,899		
As atividades me dão prazer	2.º ciclo	274	1,65	,927	-3,544	** 0,000
	3.º ciclo	329	1,93	1,019		
O que eu aprendo me faz querer praticar mais	2.º ciclo	275	1,71	,864	-3,556	** 0,000
	3.º ciclo	330	1,98	,961		
Quando exercito o meu corpo	2.º ciclo	274	1,64	,815	-2,489	* 0,013
	3.º ciclo	329	1,82	,985		
Não gosto das aulas de Educação Física quando						
Não consigo realizar bem as atividades	2.º ciclo	274	3,29	1,513	3,880	** 0,000
	3.º ciclo	327	2,83	1,374		
Não sinto prazer na atividade proposta	2.º ciclo	272	3,29	1,493	3,266	** 0,001
	3.º ciclo	326	2,90	1,411		
Quase não tenho oportunidade de jogar	2.º ciclo	273	3,45	1,524	4,055	** 0,000
	3.º ciclo	326	2,95	1,487		
Exercito pouco o meu corpo	2.º ciclo	275	3,52	1,456	2,499	** 0,013
	3.º ciclo	325	3,24	1,323		
Não há tempo para praticar tudo o que gostaria	2.º ciclo	275	2,67	1,525	,254	0,800
	3.º ciclo	326	2,63	1,416		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

Na tabela 8, apresentamos os resultados da comparação da motivação extrínseca entre os alunos do segundo e terceiro ciclo do ensino básico.

Os alunos do 3º ciclo revelaram elevado índice de motivação extrínseca no item, “Participo nas aulas de educação física porque preciso de tirar boas notas”. Já na 2ª questão, revelaram maior motivação no item, gosto das aulas de educação física quando, me sinto integrado no grupo. Quanto ao 2º ciclo, revelaram elevada motivação nos itens, “participo nas aulas de educação física porque preciso de tirar boas notas” e “faz parte do currículo da escola”. Quanto à desmotivação, ambos os ciclos apresentam maior índice de desmotivação no item, “não gosto da aula de educação física quando alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros”.

Comparando os resultados entre os ciclos, verificamos que somente nos itens, “Participo nas aulas de educação física porque faz parte do currículo da escola” e “preciso de tirar boas notas”, a motivação extrínseca é superior para os alunos do 2º ciclo (concordância superior). O 3º ciclo apresenta maior motivação extrínseca que o 2º ciclo em sete dos nove itens em análise, cinco dos quais com diferenças significativas. Estas apresentam-se nos itens, “Participo nas aulas de Educação Física porque “estou com os meus amigos” e “o meu rendimento é melhor do que o dos meus colegas”, “Eu gosto das aulas de Educação Física quando me faz esquecer as outras aulas”, “as minhas opiniões são aceites” e “saio-me melhor que os meus colegas”.

Quanto às diferenças entre ciclos na desmotivação extrínseca, os alunos do 2º ciclo apresentam-se menos desmotivados que os do 3º ciclo, em todos os itens, sendo que em 4 de 7 itens as diferenças são significativas ou muito significativas. Estas apresentam-se nos itens, “Não gosto das aulas de Educação Física quando”: “não me sinto integrado no grupo”, “não simpatizo com o professor”, “o professor compara o meu rendimento com o de outro”, “as minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor”. Para os itens indicados verifica-se a hipótese. Para os restantes itens, apesar das diferenças observadas na amostra, não se verificam diferenças significativas e não se verifica a hipótese.

Tabela 8. Resultados da comparação da motivação extrínseca entre os alunos do segundo e terceiro ciclo do ensino básico.

Motivação Extrínseca:		N	Média	D. padrão	Teste t	p
Participo nas aulas de Educação Física porque						
Faz parte do currículo da escola	2.º ciclo	275	1,88	1,197	2,970	** 0,003
	3.º ciclo	328	2,19	1,307		
Estou com os meus amigos	2.º ciclo	275	2,28	1,445	-2,430	* 0,015
	3.º ciclo	329	2,03	1,115		
O meu rendimento é melhor do que o dos meus colegas	2.º ciclo	273	3,46	1,233	-3,539	** 0,000
	3.º ciclo	328	3,10	1,231		
Preciso tirar boas notas	2.º ciclo	276	1,74	1,060	3,052	** 0,002
	3.º ciclo	327	2,02	1,185		
Eu gosto das aulas de Educação Física quando						
Me faz esquecer as outras aulas	2.º ciclo	273	2,60	1,436	-3,752	** 0,000
	3.º ciclo	330	2,19	1,249		
O professor e os meus colegas reconhecem a minha atuação	2.º ciclo	274	2,30	1,204	-,331	0,741
	3.º ciclo	327	2,27	1,031		
Me sinto integrado no grupo	2.º ciclo	274	1,83	,946	-,224	0,823
	3.º ciclo	330	1,82	,912		
As minhas opiniões são aceites	2.º ciclo	271	2,45	1,191	-5,226	** 0,000
	3.º ciclo	327	2,00	,881		
Saio-me melhor que os meus colegas	2.º ciclo	272	3,39	1,278	-4,915	** 0,000
	3.º ciclo	328	2,90	1,194		
Não gosto das aulas de Educação Física quando						
Não me sinto integrado no grupo	2.º ciclo	274	3,30	1,500	3,714	** 0,000
	3.º ciclo	328	2,85	1,497		
Não simpatizo com o professor	2.º ciclo	272	3,80	1,421	3,941	** 0,000
	3.º ciclo	330	3,32	1,524		
O professor compara o meu rendimento com o de outro	2.º ciclo	272	3,44	1,362	2,950	** 0,003
	3.º ciclo	329	3,11	1,353		
Os meus colegas gozam com as minhas falhas	2.º ciclo	273	3,16	1,579	,946	0,345
	3.º ciclo	329	3,04	1,476		
Alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros	2.º ciclo	274	2,66	1,429	1,108	0,268
	3.º ciclo	328	2,54	1,327		
Obtenho notas baixas	2.º ciclo	273	3,04	1,448	,058	0,954
	3.º ciclo	329	3,03	1,432		
As minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor	2.º ciclo	275	3,29	1,428	2,181	* 0,030
	3.º ciclo	330	3,04	1,368		

* diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

8. Discussão de Resultados

8.1. Análise comparativa por sexo

Tendo em conta os diversos procedimentos estatísticos realizados e de acordo com os dados obtidos referentes à Motivação Intrínseca, notámos que ambos os sexos se encontram motivados, demonstrando maior motivação intrínseca que extrínseca para as aulas de educação física.

Não obstante, foram encontradas diferenças significativas entre os sexos.

Os alunos do sexo masculino revelaram maior motivação e menor desmotivação para a aula de educação física, em todos os itens da motivação intrínseca, sendo que, em doze dos dezasseis itens, as diferenças encontradas foram significativas ($p < .005$) ou muito significativas ($p < .001$). Estas diferenças sugerem-nos a possibilidade das atividades propostas nas aulas de educação física estarem a ser direcionadas para os interesses dos alunos do sexo masculino e se estarem a descurar os do sexo feminino. Notámos outros dois dados que poderão vir a reforçar esta ideia. O facto de as raparigas terem justificado a participação nas aulas de educação física com o gosto de aprenderem novas habilidades, conjugado com o facto de terem demonstrado não gostar das aulas quando não há tempo para praticar tudo o que gostariam, pode revelar também que os seus interesses poderão ser outros para além das atividades que são oferecidas atualmente pela disciplina de educação física. Acerca deste tema e indo ao encontro dos nossos resultados sobre as diferenças de motivação entre sexos, Bidutte (2001, p. 54) afirma que, “pode-se supor que os alunos do sexo masculino consideram as aulas de educação física motivantes, pois as pesquisas comprovam que os meninos valorizam realização e status e as meninas brincadeiras e amizades”. No entanto, também o mesmo autor chama a atenção para a possibilidade das aulas de educação física poderem estar a privilegiar interesses dos alunos do sexo masculino, aumentando a sua motivação para as aulas. Pelo contrário as alunas acabam por não ver as suas expectativas e interesses atendidos e conseqüentemente, o nível motivacional é menor em comparação com o género masculino. Outro fator influente, segundo o mesmo autor, é o conteúdo abordado nas aulas, pois o facto da educação física ser na maioria das vezes desportivizada (que utiliza como conteúdo somente o desporto) faz com que as alunas que não gostam de modalidades desportivas convencionais se sintam desmotivadas a participar.

Na nossa opinião seria importante compreender que tipo de atividades (unidades didáticas), os alunos e alunas prefeririam ver integrados nos conteúdos abordados pela disciplina. Consideramos este fator essencial, pois é do interesse de toda a comunidade escolar manter os seus alunos interessados e motivados na escola e nas suas atividades e para que consigam aprender e ter prazer com a sua prática. Darido (2004) “assinala que a educação física na escola deveria propiciar condições para que os alunos obtivessem autonomia em relação à prática da atividade física, ou seja, após o período formal de aulas os alunos deveriam manter uma prática de atividade regular, sem o auxílio de especialistas, se assim desejarem. Este

objetivo é enormemente facilitado se os alunos encontram prazer nas aulas de educação física, pois, apreciando determinada atividade é mais provável desejá-la, caracterizando uma ligação de prazer.”

No que se refere às razões para a participação dos alunos nas aulas de educação física, o sexo masculino demonstrou relativamente ao sexo oposto, maior vontade de participar nas mesmas não só pelas atividades físicas que são proporcionadas, como também pelo aumento dos conhecimentos sobre os desportos que lhes oferecem. Esta ideia vai ao encontro dos resultados do estudo de Dyson (2004) onde refere que os meninos de uma maneira geral dão mais importância às aulas de educação física do que as meninas, estas valorizam mais os aspetos sócio-afetivos, enquanto os meninos a competitividade e a melhoria das habilidades.

Os resultados indicam que os alunos do sexo masculino revelaram maior interesse e gosto pelas aulas que o sexo oposto. As principais diferenças encontradas foram a vontade em aprender novas habilidades, a percepção que têm acerca dos benefícios que advêm da prática da disciplina, a vontade de praticar mais, o gosto por exercitar o corpo e o prazer que têm pelas atividades propostas pela disciplina. No mesmo sentido, Betti (1992, p.22) indica que os motivos para os alunos fazerem educação física são intrínsecos e relacionados com a condição física, a saúde, a aprendizagem desportiva, o lazer e o divertimento. Ainda na motivação intrínseca, mas respondendo às razões porque não gostam das aulas de educação física, os alunos do sexo masculino apresentaram menor desmotivação relativamente ao sexo feminino, pois mesmo quando não conseguem realizar corretamente as atividades, exercitam pouco o corpo, não têm oportunidade de jogar ou mesmo quando não sentem prazer na atividade proposta, continuam a gostar de realizar a aula de educação física.

Considerando o que foi referenciado anteriormente, podemos afirmar que os alunos do sexo masculino se sentem mais competentes, autónomos e mais autodeterminados que o sexo feminino, pois revelaram níveis mais elevados de motivação intrínseca. No mesmo sentido, Reeve e colaboradores (2004) referem que “o comportamento é autónomo ou autodeterminado quando os próprios interesses e valores guiam e permanecem alinhados com o comportamento” (cit. por Cavenaghi, A., 2009, p. 254). Desta forma os alunos irão considerar a educação física mais atrativa, interessante e pretenderão participar nas aulas com maior empenho.

Segundo os dados obtidos referentes à motivação extrínseca, existiram diferenças muito significativas em sete dos dezasseis itens em análise. O sexo masculino revelou-se mais motivado extrinsecamente para a aula de educação física que o sexo oposto. Neste tipo de motivação, existiram diferenças significativas entre os sexos nos itens, “participo nas aulas de educação física, porque acho o meu rendimento melhor que o dos meus colegas” e “gosto das aulas quando me saio melhor que os meus colegas”. Claramente, os alunos procuram a

competição, procuram ser melhores que os outros e quando o conseguem, aumentam a sua autoestima e ego. Já o sexo feminino demonstrou descontentamento com o facto de existirem colegas que comparam o seu rendimento com o de outro, quando os seus pares gozam com as suas falhas e também quando obtêm notas baixas. As raparigas demonstram deste modo, que a competição que por vezes existe entre colegas na disciplina, lhes provocam desmotivação e desinteresse. Num estudo efectuado por Arbinaga e Garcia (1996, cit. por Múrcia, 2007), os resultados revelaram que o sexo masculino, que possuía um maior clima-ego, estava mais orientado ao ego e se percebia mais competente do que o sexo feminino, o qual pontuava mais alto na satisfação da necessidade de relacionar-se com os demais. No item, “esta aula faz-me esquecer as outras”, também existiram diferenças significativas entre sexos, já que o sexo feminino revelou dar menos importância à disciplina que os alunos do sexo masculino.

Também ao nível da integração no grupo, ambos os sexos revelaram dificuldades de integração, talvez pelo período de puberdade que possivelmente alguns dos elementos da amostra estarão a atravessar, onde existem muitas transformações fisiológicas e psicológicas que podem influenciar a integração no seu grupo. O sentimento de pertença a um grupo é essencial no período da adolescência. Aqui, procura-se ir ao encontro dos interesses do grupo a que se pertence. No entanto, o que é válido para um grupo pode não o ser para os outros, de acordo com Sprinthall & Collins “a atracção física e outros padrões de comportamento (amizade, sociabilidade e competências) constituem normas que regulam a aceitação social. Atitudes desviantes e comportamentos negativos conduzem habitualmente a situações de rejeição social, apesar de não existirem características que por si só garantam a aceitação ou a rejeição social.” (cit. por Matos, M.G., 2008, p. 310).

8.2. Análise comparativa por ciclo

Tendo em conta os dados obtidos referentes à Motivação Intrínseca, ambos os ciclos apresentaram motivação intrínseca para as aulas de educação de física, pois ambos apresentaram concordância. No entanto, os elementos do 2º ciclo demonstraram ter maior índice de motivação intrínseca para as aulas de educação física que os do 3º ciclo, visto que existiram diferenças significativas ou muito significativas em quinze dos dezasseis itens em análise. Darido (2004) durante um trabalho conduzido no Brasil, com o objetivo de analisar a participação dos alunos do Ensino Fundamental (a partir da 5ª série—11anos) e Médio nas aulas de educação física, afirma que “os alunos nesta faixa etária apresentam grande interesse pelas aulas de educação física, e que esta motivação vai diminuindo conforme o avanço nos ciclos escolares”.

Relativamente à menor motivação intrínseca dos alunos do 3º ciclo, esta poderá explicar-se porque, com o aumento da idade, existem alterações importantes no corpo, que poderão diminuir ou aumentar as suas competências na disciplina. Isto é, os mais capazes, os mais

habilidosos, gozam com os colegas com menos habilidade, fazendo com que o gosto, interesse e empenho, diminuam até ao ponto em que deixam mesmo de participar nas aulas. Com efeito, podemos eventualmente hipotizar a existência de um efeito da idade relativa no nível de desempenho motor dos alunos e, por sua vez, na motivação para a disciplina.

Acerca das alterações internas no corpo do adolescente, (Marzinek, 2004, p. 41) afirma que “o período da adolescência vem sendo discutido por muitos autores, sendo taxada como um período difícil no desenvolvimento humano. Alguns dão ênfase às modificações internas do corpo do indivíduo, enquanto outros dão enfoque maior aos elementos sociais.”

Outro dos fatores que também poderá contribuir para uma continuada diminuição da motivação dos alunos, será ao nível dos conteúdos abordados, pois desde que iniciam o 2º ciclo até ao final do 3º ciclo, estes são praticamente os mesmos. Não existe variedade nem novas aprendizagens no currículo, o que pode causar desmotivação. Aliás, no nosso estudo, um dos fatores que ambos os ciclos enunciaram para a participação nas aulas de educação física foi precisamente a aprendizagem de novas habilidades. No mesmo sentido, Marzinek (2004) complementa, dizendo que os conteúdos da educação física são sempre os mesmos nos diferentes níveis de ensino. Segundo o autor, é dado muito destaque aos desportos coletivos como o voleibol, futebol e andebol. “Essa mesmice de conteúdos acaba desmotivando alguns alunos” (Marzinek, 2004, p. 77). Considerando o exposto, é necessário repensar os conteúdos curriculares da disciplina de educação física, nos diferentes níveis de ensino e diversificá-los, variar os conteúdos, as modalidades as aprendizagens e ensinar novas habilidades, criando motivação.

Quanto à motivação extrínseca, ambos os ciclos revelaram estar motivados. O 3º ciclo demonstrou dar mais importância à necessidade de tirar boas notas e à necessidade de se sentirem integrados no grupo. O 2º ciclo revelou participar na aula por fazer parte do currículo e também pela necessidade de tirar boas notas. Contudo analisando individualmente as diferenças entre ambos ciclos, podemos dizer que elas existem, principalmente na importância dada pelos alunos do 3º ciclo à sua competência, à sua capacidade de fazer bem, e ao mesmo tempo de a comparar com a dos colegas, procurando que os seus pares reconheçam a sua atuação. Corroborando com esta ideia, (Betti, 1992) num estudo feito com alunos de 5ª a 8ª séries (dos 11 aos 14 anos) do ensino fundamental e 1ª série do ensino médio, concluiu que a atuação dos colegas tem interferência na motivação dos alunos, pois estes, “não possuem uma participação cooperativa nas aulas, ou seja, fazem brincadeiras fora de hora, os que têm mais habilidade zombam dos que sabem menos, há desentendimentos entre os alunos, e mesmo outros alunos que ficam apenas assistindo às aulas, contribuem para que alguns deixem de gostar e até mesmo de participar das aulas de Educação Física”.

De acordo com os resultados obtidos no nosso estudo acerca das razões porque gostam da aula de educação física, verificámos que os alunos do 3º ciclo gostam que se dê importância

às suas opiniões, de estar com os amigos e referem que esta disciplina os faz esquecer as outras aulas.

O 2º ciclo revelou, ao nível da participação, maior motivação pela necessidade de obter boas notas, revelando preocupação em conseguir ter aproveitamento escolar, mas também revelou participar nela por fazer parte do currículo. Talvez se possa explicar, porque nas idades mais baixas existe maior controlo parental, ou seja os encarregados de educação fazem um acompanhamento mais próximo das atividades escolares dos seus educandos.

Quanto à desmotivação, os alunos do 2º ciclo demonstraram menor desmotivação que o 3º ciclo em todos os itens, sendo que, em quatro de sete itens, as diferenças foram significativas (1) ou muito significativas (3). Estes resultados podem parecer um pouco contrários aos encontrados na análise à motivação extrínseca, contudo pensamos haver explicação para esse facto. Assim, estando o 2º ciclo mais motivado intrinsecamente que o 3º ciclo, portanto mais autodeterminado, mais dificilmente desmotiva, pois sabemos que quem tem este tipo de motivação faz a aula com prazer, interesse e empenho porque a motivação parte do próprio. No mesmo sentido, Boruchovitch (2008) afirma que, “os estudos nacionais e internacionais evidenciam que a motivação intrínseca está alinhada a melhores resultados de aprendizagem e ao uso de estratégias de aprendizagem de processamento profundo da informação, quando comparada à motivação extrínseca”. Pelo contrário, quem é motivado extrinsecamente mais facilmente desmotiva, pois quer mais, ou seja, a recompensa que anteriormente o motivava, agora não chega e a consequência é a desmotivação, o desinteresse e desresponsabilização pelos fracassos. Assim, devemos evitar o ensino centrado na motivação extrínseca pois esta poderá diluir-se com o tempo. Portanto, deve ser nosso objetivo como professores, conseguir encontrar estratégias e atividades que façam com que os nossos alunos estejam motivados intrinsecamente, de forma a conseguirmos melhores resultados e aproveitamento escolar na nossa disciplina. Erico Engelmann (2010) afirma que é reconhecível, segundo diversos relatos de pesquisas empíricas (Pelletier; Sharp, 2009; Senécal, Koestner, Vallerand, 1995) o prejuízo para o ensino e a aprendizagem quando há um predomínio da motivação extrínseca por regulação externa. Segundo o autor, este tipo de motivação provoca o desinteresse dos alunos e a tendência para a não responsabilização pelos resultados negativos. Os alunos motivados extrinsecamente têm assim tendência a atribuir a outros o seu próprio fracasso e a arruinar o sentido de protagonismo, de ser agente e autor e de se envolver e empenhar numa ação com vista à sua aprendizagem. (Idem)

8.3. Aplicações Práticas

A aplicação deste estudo na população estudantil do concelho de Tomar permitiu-nos identificar e verificar se existem diferenças significativas no tipo de motivação entre os alunos do sexo feminino e masculino e entre os alunos do 2º e 3º ciclo. Este conhecimento permitirá a todos os professores de educação física e escolas desta região adaptarem o ensino da disciplina de forma a conseguirem melhorar não só o nível de motivação, como também o aproveitamento escolar dos alunos e alunas. Assim, do nosso ponto de vista e relativamente aos sexos, devemos procurar encontrar novas atividades que não fomentem a competição entre os alunos e que tenham como principal objetivo o lazer e o gosto pela prática de atividades físicas, pois ambos os sexos demonstraram querer aprender novas habilidades. Claramente o sexo masculino revelou ter mais prazer na realização das atividades atuais da disciplina, pois possivelmente acha-se mais capaz e portanto mais competente que o sexo oposto. Também, procurar ter mais tempo útil de aula, diminuindo os tempos de inatividade para conseguir ter os alunos e alunas mais tempo na realização das tarefas e portanto em atividade.

Devemos também, procurar aumentar os índices de motivação intrínseca dos alunos e alunas do 3º ciclo. Para tal, teremos que aproveitar o desejo por eles demonstrado de aprender novas habilidades, e introduzi-las no currículo, porque a verdade é que as atividades não se alteram muito desde que iniciam o 2º ciclo até que finalizam o 3º ciclo, o que poderá causar cansaço por estarem constantemente a repetir as mesmas aprendizagens. Apesar de não se poder considerar negativo o facto dos alunos e alunas do 3º ciclo estarem mais motivados extrinsecamente para a disciplina, não devemos centrar o ensino da nossa disciplina neste tipo de motivação, pois este pode ser momentâneo e muito volátil. Estes alunos e alunas demonstraram que se sentem motivados este ano letivo, porque são melhores que os colegas ou porque gostam de estar com eles. No entanto, nos anos posteriores, a realidade pode já não ser a mesma e eles poderão desmotivar, perante outros colegas, com maior capacidade. Um exemplo nos nossos resultados sobre a pouca solidez deste tipo de motivação foi o facto dos alunos e alunas do 3º ciclo, apesar de demonstrarem estar mais motivados extrinsecamente, também a perderem com maior facilidade. Isto é, à mínima contrariedade ou dificuldade, desmotivam. Assim, pensamos que será importantíssimo aumentar a motivação intrínseca destes alunos, pelo que propomos que se vão introduzindo novas atividades e desportos desde o início do 2º ciclo até ao final do 3º ciclo. Também pensamos que, como profissionais da educação, devemos incentivar a prática de atividades físicas de uma forma mais lúdica e não tão competitiva, para que associem o desporto a algo que se faz com satisfação e prazer.

8.4.Limitações do estudo

Este estudo foi realizado com a população estudantil do 2º e 3º ciclo do concelho de Tomar, esta tem características próprias e diferentes de outras zonas de Portugal, pelo que pensamos que os resultados poderão ser diferentes noutra zona de Portugal, ainda mais quando as condições ambientais, materiais e humanas são diferentes portanto não poderemos generalizar os resultados, e assim este estudo não terá validade externa.

Para ter um conhecimento mais aprofundado da motivação dos alunos para a disciplina de educação física, sugerimos que possa ser realizado um estudo onde se identifique as modalidades que a população em estudo mais aprecia, as que menos gosta e as que gostariam de ver implementadas no currículo da disciplina, no fundo perceber a relação entre a expectativa e a motivação.

Pensamos que para obtermos uma análise mais aprofundada da motivação para a aula de educação física dos alunos do concelho de Tomar, poderemos incluir em futuros estudos a população estudantil do secundário, pois o nosso apenas abrange os alunos do 2º e 3º ciclo. Julgamos ser importante estudar este grupo, pois trata-se de uma faixa etária mais velha que também importa conhecer o que os motiva/desmotiva para a prática de atividades físicas.

A análise efetuada teve em conta apenas a comparação entre sexos e ciclos no seu total. O estudo não fez a análise dos resultados de forma isolada, ou seja não foi nosso objectivo perceber, por exemplo, se especificamente no 3º ciclo, as alunas do sexo feminino estão mais ou menos motivadas que os alunos do sexo masculino do mesmo ciclo.

9. Conclusão

A intenção deste estudo foi verificar se existem diferenças, no tipo de motivação intrínseca e extrínseca, para as aulas de Educação Física, entre o sexo masculino e feminino e entre os alunos do 2º e 3º ciclo.

Quanto aos sexos, podemos constatar que, quanto à motivação intrínseca, ambos revelaram motivação. No entanto, existiram diferenças significativas (6) ou muito significativas (6) em doze dos dezasseis itens analisados, demonstrando que os rapazes têm mais motivação intrínseca do que as raparigas. Os rapazes demonstraram um grau de motivação muito elevado ($\leq 1,82$) em todos os itens de motivação intrínseca. Ambos os sexos revelaram que o gosto por aprender novas habilidades é um fator de grande importância para participarem nas aulas de educação física. O que mais os desmotiva é o facto de não haver tempo para praticarem tudo o que gostariam.

Já quanto à motivação extrínseca, embora este tipo de motivação seja menor do que a intrínseca, ambos os sexos também se apresentaram motivados para a disciplina. No entanto, também aqui os rapazes demonstraram maior índice de motivação do que o sexo oposto, com diferenças muito significativas em três dos nove itens em análise. Os fatores de motivação extrínseca que mais motivam ambos os sexos foram ao nível da integração no grupo e da necessidade de tirar boas notas. Na desmotivação extrínseca os alunos revelaram menos desmotivação que o sexo oposto, pois em quatro de sete itens, as diferenças foram muito significativas.

Quanto aos ciclos, podemos afirmar que ambos se sentem motivados intrinsecamente para a prática da disciplina. No entanto, o 2º ciclo apresentou maior motivação, pois existiram diferenças significativas em catorze dos dezasseis itens em análise. O 2º ciclo demonstrou grau de motivação intrínseca muito elevado ($\leq 1,82$) em todos os itens em análise. O 3º ciclo demonstrou motivação para participar na aula porque gosta de atividades físicas, de aprender novas habilidades e quando exercita o corpo.

Ambos os ciclos apresentam como fator de desmotivação ($< 3,00$) o facto de não haver tempo para praticarem tudo o que gostariam. O 3º ciclo também refere, como fator de desmotivação, o facto de não conseguir realizar bem as atividades, não sentir prazer nas mesmas e não ter oportunidade de jogar.

Por outro lado, quando analisamos a motivação extrínseca, verificamos que o 3º ciclo apresenta maior motivação do que o 2º ciclo, com diferenças significativas (1) e muito significativas (6) em sete dos nove itens em análise. Em termos de desmotivação, verificamos que os alunos do 3º ciclo apresentam maior desmotivação extrínseca que os do 2º ciclo, com diferenças significativas (1) ou muito significativas (3) em quatro dos sete itens, (não gosto das aulas de educação física quando: “ não me sinto integrado no grupo”; “as falhas fazem com eu não pareça bom para o professor”; “o professor compara o meu rendimento com o de outro” e “não simpatizo com o professor”).

10. Bibliografia

- Atkinson, R., Smith, E. E Bem, D. (2002). *Introdução à psicologia de Hilgard* (13.^a ed.). Porto Alegre: Artmed;
- Bidutte, L. C. (2001). *Motivação nas aulas de educação física em uma escola particular*. *Psicol. esc. educ.* Vol.5, n.º.2, p.49-58. ISSN 1413-8557;
- Bock, Ana M. Bahia (org). (1999). *Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia* (13.^a ed.). São Paulo: Saraiva;
- Boruchovitch, E. (2008). *A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores*. *Educação*, Porto Alegre, Vol.31, n.1, p.30-38, jan./abr.;
- Castuera, R. (2004). *Motivación, Trato de Igualdade, Comportamento de Disciplina y Estilos de Vida Saludables en Estudiantes de Educación Física en Secundária*. Tesis Doctoral apresentada a Facultad de Ciencias del Deporte da Universidad de Extremadura;
- Cavenaghi, A. (2009). *Uma perspectiva autodeterminada da motivação para aprender língua estrangeira no contexto escolar*. *Ciências & Cognição* 2009. Vol 14 (2): 248-261, disponível em http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v14_2/m101_09.pdf;
- Darido, S. C. (2004). *A Educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, Vol. 18, n.1, p. 61-80;
- Dyson, E. (2004). *Reflexões sobre privacidade*. *Scientific American Brasil*, São Paulo: ano 6, n. 77, p. 32 - 37, out;
- Erico, E. (2010). *A motivação de alunos dos cursos de artes de uma Universidade Pública do norte do Paraná*. Londrina. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Londrina;
- Gouveia, F. C. (2007). *Motivação e Prática da Educação Física*. Campinas: Papyrus;
- Guimarães, S.E.R. e Boruchovitch, E. (2004). *O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Vol.17 n.º.2. Porto Alegre, disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722004000200002>;
- Jansen, E. (2004). *Motivação e recompensas*. Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico ASA. *Correio da Educação*. O Semanário dos Professores. Suplemento n.º 46. 26 Jan 2004, disponível em <http://pt.scribd.com/doc/22774512/Motivacao-Recompensas-CE-SUP174>;
- Kobal, M. C. (1996). *Motivação Intrínseca e Extrínseca nas Aulas de Educação Física*. Campinas-SP. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas;
- Louro, G. L., Felipe, J. E Goellner, S. V. (Org.). (2007). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação* (3^a ed.). Petrópolis: Vozes;

- Marreiros, J. (2011). Aspectos Motivacionais y Conceptuales para la Práctica Deportiva y Razones para el abandono en una Institución de Enseñanza Superior en Portugal. Tesis Doctoral con la Mención de “Doctor Europeu” apresentada ao Departamento de Didáctica de la Expresión Musical, Plástica y Corporal da Universidad de Extremadura. España;
- Marzinek, A. E Neto, A. (2007). *A Motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física*. Revista Digital. Buenos Aires. Ano 11, n.º 105. Fev 2007, disponível em <http://www.efdeportes.com/efd105/motivacao-de-adolescentes-nas-aulas-de-educacao-fisica.htm>;
- Matos, M.G. (2008). *Comunicação, Gestão de Conflitos e Saúde na Escola*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana /CDI - Serviço de Edições;
- Murcia J.A.M., Blanco M.L.S.R., Galindo C.M., Villodre N.A. e Coll D.G..(2007). *Efeitos do gênero, a idade e a frequência de prática na motivação e o desfrute do exercício físico*. Fitness. 6(3):140-146, disponível em <http://www.um.es/univefd/efeitos.pdf>;
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill Inc;
- Peiró, C. E Gimeno, J. (2004). *Las Propiedades Psicométricas de La Versión Inicial del Questionario de Orientación a La Tarea y al Ego (TEOSQ) Adaptado a La Educación Física en su Traducción al Castellano*. Revista de Psicología del Deporte. Vol. 13, n. 1, p. 25-39;
- Pintrich P, R. E Schunk, D. H. (2002). *Motivation in Education: theory, research and applications*. New Jersey: Merrill Prentice Hall;
- Poeschl G., Múrias, C. E Ribeiro, R. (2003). *As diferenças entre os sexos: Mito ou realidade?*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto, disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v21n2/v21n2a08.pdf>;
- Rangel, I. C. A. (1997). *Reflexões a respeito do esporte como meio educativo em Educação Física Escolar*. Revista Kinesis. Vol. 15, p. 37-43;
- Rocha, C. M. (2009). *A Motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática da Educação Física Escolar*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa;
- Teixeira, F. E Folle, A. (2009). *Educação Física Escolar: Uma Análise da Participação dos alunos do Ensino Fundamental*. Santa Catarina: Universidade do Estado de Santa Catarina - Florianópolis. X Semana Acadêmica da Educação Física, disponível em <http://petef.paginas.ufsc.br/files/2010/09/EDUCAÇÃO-FÍSICA-ESCOLAR-UMA-ANALISE.pdf>;
- Ulbrich, A. Z., Bozza, R., Machado, H. S., Michelin, A., Vasconcelos, I. Q. A., Neto, A. S., Mascarenhas, L. P.G. E Campos, W. (2007). *Aptidão física em crianças e adolescentes de diferentes estágios maturacionais*. Fitness & Performance Journal, Vol. 6, n.º 5, Set. Out., pp. 277-282. Colégio Brasileiro de Atividade Física, Saúde e Esporte. Rio de Janeiro, Brasil, disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=75117182001>;

- Weinberg, R. S. E Gould, D. (2008). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. (4ª. Ed). Porto Alegre: Artmed;
- Witter, G. E Lomónaco, J. (1984). *Psicologia da aprendizagem*. São Paulo: EPU, 45;

Anexo 1. Autorização para a aplicação do questionário

Autorização para a aplicação do questionário em meio escolar, pela Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0267900005, com a designação A Motivação para a aula de Educação Física-(Estudo realizado em alunos do 2º e 3º ciclo do ensino básico do Concelho de Tomar), registado em 11-01-2012, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

UBI-Universidade da Beira Interior

Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

Isabel Oliveira

Diretora de Serviços de Inovação Educativa

Observações:

a) Sugere-se a reformulação da introdução ao questionário.

b) Na frase "Quando estás na escola e tens aulas de Educação Física", o tratamento por "tu" pode ser evitado.

c) Sugere-se que as perguntas dos itens referentes à motivação extrínseca sejam reformuladas e sejam apresentadas tal como aparecem na metodologia.

d) Sugere-se que o questionário termine com um agradecimento ao inquirido

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

Anexo 2. Questionário utilizado no estudo

Questionário de Motivação Intrínseca e Extrínseca

Escola: _____ Data de Nascimento: _____

Ano de escolaridade: _____ Sexo: Masculino Feminino

É propósito desta investigação analisar o tipo de motivação (intrínseca e extrínseca) dos alunos do 2º e 3º ciclo do concelho de Tomar para a disciplina de Educação Física.

1. concordo muito 2. concordo 3. estou em dúvida 4. discordo 5. discordo muito

Quando estás na escola e tens aulas de Educação Física, tu:

Itens referentes à Motivação Intrínseca

Questão 1	Participo nas aulas de Educação Física porque:					
	Gosto de atividades físicas	1	2	3	4	5
	Gosto das aulas	1	2	3	4	5
	Gosto de aprender novas habilidades	1	2	3	4	5
	Acho importante aumentar os meus conhecimentos sobre desportos e outros conteúdos	1	2	3	4	5
Sinto-me saudável com as aulas	1	2	3	4	5	
Questão 2	Eu gosto das aulas de Educação Física quando:					
	Aprendo uma nova habilidade	1	2	3	4	5
	Me dedico ao máximo à atividade	1	2	3	4	5
	Compreendo os benefícios das atividades propostas na aula	1	2	3	4	5
	As atividades me dão prazer	1	2	3	4	5
	O que eu aprendo me faz querer praticar mais	1	2	3	4	5
Exercito o meu corpo	1	2	3	4	5	
Questão 3	Não gosto das aulas de Educação Física quando:					
	Não consigo realizar bem as atividades	1	2	3	4	5
	Não sinto prazer na atividade proposta	1	2	3	4	5
	Quase não tenho oportunidade de jogar	1	2	3	4	5
	Exercito pouco o meu corpo	1	2	3	4	5
	Não há tempo para praticar tudo o que eu gostaria	1	2	3	4	5

Itens referentes à Motivação Extrínseca

Questão 1	Participo nas aulas de Educação Física porque:					
	Faz parte do currículo da escola	1	2	3	4	5
	Estou com os meus amigos	1	2	3	4	5
	O meu rendimento é melhor que o dos meus colegas	1	2	3	4	5
Questão 2	Preciso tirar boas notas	1	2	3	4	5
	Eu gosto das aulas de Educação Física quando:					
	Me faz esquecer as outras aulas	1	2	3	4	5
	O professor e os meus colegas reconhecem a minha atuação	1	2	3	4	5
	Me sinto integrado no grupo	1	2	3	4	5
Questão 3	As minhas opiniões são aceites	1	2	3	4	5
	Me saio melhor que os meus colegas	1	2	3	4	5
	Não gosto das aulas de Educação Física quando:					
	Não me sinto integrado no grupo	1	2	3	4	5
	Não simpatizo com o professor	1	2	3	4	5
	O professor compara o meu rendimento com o de outro	1	2	3	4	5
	Os meus colegas gozam com as minhas falhas	1	2	3	4	5
Alguns colegas querem demonstrar que são melhores que os outros	1	2	3	4	5	
Obtenho notas baixas	1	2	3	4	5	
As minhas falhas fazem com que eu não pareça bom para o professor	1	2	3	4	5	